



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

A VIDA PRIVADA NA RELAÇÃO EPISTOLAR DO IMIGRANTE TCHECO,

JINDŘICH TRACHTA

Martina Čermákováⁱ

“Život je takový, jak si jej kolem sebe dokážeme vytvořit a vyzdobit. Ne materiálním bohatstvím – ale mravními a duševními hodnotami.“

“A vida é tal como nós conseguimos criá-la a nossa volta. Não pela riqueza material – mas pelos valores morais e mentais.“

Jindřich Trachta

O historiador Boris Fausto, ao tratar da problemática da imigração, alega não ser simples responder como seria realmente a vida privada dos grupos de imigrantes e formula a indagação: em que medida, em razão de sua condição específica, os grupos de imigrantes tiveram – ou conforme o caso ainda têm – uma vida privada com traços distintos que permitam recortá-la do quadro mais amplo da população componente do país receptor (Fausto, 1998, p. 14)? Mas, antes de responder essa pergunta, vamos apresentar o personagem do meu projeto e sua respectiva trajetória: o tcheco, Jindřich Trachta.ⁱⁱ

Os projetos de colonização implementados pelo próprio Estado brasileiro, na região sul do estado de Mato Grosso, bem como por empresas particulares, neste caso específico a Companhia de Viação São Paulo - Mato Grosso são alvos deste projeto de pesquisa. A pesquisa estará interessada objetivamente na presença e participação de imigrantes de origem tchecoslovaca, que vieram para a região trabalhar nos projetos da referida Companhia. Dentre tantos imigrantes, o foco de abordagem privilegiará a trajetória de um personagem peculiar, Jindřich Trachta, que trabalhou como gerente do núcleo colonizador da cidade de Batayporã/MS, e durante a sua experiência histórica pessoal, com regularidade manteve uma relação epistolar com os seus ascendentes familiares que ficaram na Europa bem como cuidou da conservação de vasta documentação de sua própria experiência, da empresa em que trabalhou e da vida comunitária e política da região do Vale do Ivinhema no Mato Grosso do



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

Sul. Desse modo, como metodologia da pesquisa, serão usadas em referência algumas cartas que o personagem escreveu, com foco na vida privada de um imigrante tcheco no Brasil.ⁱⁱⁱ

Qual era a situação no Mato Grosso antes da chegada de Jindřich Trachta? Além das empresas e respectivos capitais, também veio para o Brasil uma multidão de imigrantes, pessoas comuns, a grande maioria constituídas por pobres em busca de melhores alternativas e que foram sendo incorporados aos projetos de colonização. Imigrantes, descendentes de imigrantes, imigrantes europeus e asiáticos em sua maioria.^{iv} A imigração européia sempre foi alvo das políticas do Governo brasileiro que, desde o Império, foi largamente utilizada em substituição ao trabalho escravo nas lavouras de café (Fausto, 1994, p. 275). Nesse sentido, na década de 1950, Jan Antonin Baťa, proprietário da Companhia^v, escreveu o trabalho *Estudos Sobre a Migração*, especificamente com o objetivo de tentar promover a imigração de regiões do Leste Europeu, com vistas a atender às demandas de colonos nos núcleos coloniais da Companhia no Oeste de São Paulo e Sul de Mato Grosso (Ziliani, 2010). Nos anos 50 começou com a formação de duas cidades hoje sul-mato-grossenses: Batayporã e Bataguçu – além de outras iniciativas no oeste do estado de São Paulo (Passos, 2003). Sobre a história da formação daquelas localidades, bem como sobre a história dos múltiplos personagens que materializaram tais projetos, pouco ainda se sabe, sobretudo, no que se refere a participação imigrantes de origem tchecoslovaca e suas atuações. Os aspectos da vida do imigrante poderão ser analisados e interpretados à luz da história, tais como: Que nível de relação e de sociabilidade manteve com o país de origem; qual foi a sua trajetória desde a chegada no Rio de Janeiro até a sua vinda para o núcleo colonial de Batayporã/MS; qual foi o grau de expectativa de retornar à terra natal, na medida em que a sua saída da Tchecoslováquia ocorreu por motivos políticos decorrentes de incompatibilidades com regime comunista; qual foi o grau de sociabilidade com a população local e regional; como se deram as relações de identidade com demais imigrantes da mesma origem e estabelecidos em outros núcleos de colonização, bem como em relação aos demais trabalhadores nos empreendimentos colonizadores; como se caracterizou a sua vida cotidiana. Analisando a natureza da relação epistolar dele com seus ascendentes na Tchecoslováquia, atual República Tcheca, melhor esclarecemos a resposta, principalmente da nossa última pergunta: “A imigração representa um profundo corte, com vários desdobramentos, no plano material e no plano do imaginário” (FAUSTO, 1998, p. 14).



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

Esse corte não representa o apagamento total da fase passada, apesar de palavras de Jindřich Trachta: *Musel jsem vyhodit do povětří všechny mosty, které mě spojovaly s minulostí.* (Eu tive que explodir todas as pontes que me ligaram com o passado).^{vi} A correspondência regular com sua irmã Hedvika Tlamková, Marie Šrámková, irmão Karel Trachta e muitos outros parentes e amigos tchecos é a prova.

O que marca a vida do imigrante é a viagem transatlântica: “A partida assinala o encerramento de uma parte da existência ou quase sempre o abandono da pátria.” (FAUSTO, 1998, p. 14)

Os motivos de Jindřich Trachta eram os políticos, mais explicitamente o golpe do partido comunista em 1948. Durante essa época saíram da Tchecoslováquia aproximadamente 40.000 pessoas que planejavam retornar ao país natal depois que houvesse a queda do comunismo (Tvrdíková, 2007). A Revolução de Veludo (1989) que derrubou o comunismo, chegou praticamente quarenta anos depois e então a possibilidade de retorno se tornou praticamente impossível.

Jindřich Trachta embarcou no navio em Neapol, na Itália, e no 9 de maio de 1949 e entra no porto no Rio de Janeiro dizendo essas palavras: *Přijetí bylo symbolické, když jsme nad ranním oparem mohli vidět sochu Krista Spasitele, jako by chtěl říci: 'Pojďte všichni ke mně, kdož hledáte ochranu'.* (A saudação era simbólica, quando nós podemos observar a estátua de Cristo Redentor em cima de névoa de manhã como ele quisesse dizer: Venham todos ao meu lado quem está procurando a proteção.)^{vii}

Como o imigrante ameniza a saída de seu país? Trazendo as lembranças materiais da sua terra. Esses objetos biográficos do nosso imigrante Jindřich Trachta trazidos da Tchecoslováquia podemos achar expostos no Centro de Memória Jindřich Trachta em Batayporã e são: a medalha de melhor estudante da escola em Veselí nad Moravou, a bíblia, o relógio de pulso e o dicionário tcheco-portugues trocado na Alemanha, com um padre, por comida. Na correspondência com seus parentes e os amigos sempre pede as fotografias familiares e principalmente os livros, gramáticas e dicionários.^{viii}

Entre os imigrantes existe a forte idéia de retorno. Essa ideia aparece como uma possibilidade ou como um desejo. *Mnohokráte se po ní v duchu procházím.* (Muitas vezes eu passeio na minha mente /naquela estrada/.)^{ix} Nas primeiras cartas Jindřich menciona que tem que estudar as línguas para poder ganhar quando voltar, com tempo e família crescendo fala



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

que gostaria de mandar os seus filhos para estudarem na Europa onde a educação é melhor.^x A ideia de retorno se realizou depois de Queda de Muro de Berlim em 1990 quando ele e a sua esposa, Marina, passaram três meses na Tchecoslováquia livre. Reviu os parentes, visitou cemitério, admirou os novos prédios de apartamentos e disse: *Bůh mi také vyhradil právo uvidět opět moji rodnou zemi a moci se vrátit zpět do své nové vlasti, kde mám svoji milovanou rodinu a mnoho přátel. Pochválena budiž země, která mi dala život, a pochválena budiž země, která mi poskytla azyl a přijala mě jako syna.* (O Deus me deu direito de rever minha terra natal e poder voltar para minha pátria nova onde tenho minha família amada e muitos amigos. Seja bendita a terra que me deu vida, seja bendita que me deu asilo e me aceitou como seu filho.)^{xi}

Como foi o olhar do imigrante do país receptor? Como referiu sobre Brasil nas cartas para seus irmãos? Jindřich Trachta se refere a esse tema nos primeiros anos no Brasil. Vê o país como uma terra de grandes contrastes com muita coisa esperando para ser realizado. Faltam os especialistas e artesãos.^{xii} E diz: *Svět je špatně rozdělený. V naší zemi lidí jako sardinek a tady chybí trénované osoby.* (O mundo está dividido mal. Em nosso país, tem tanta gente como sardinhas na lata, aqui faltam pessoas treinadas).^{xiii} Compara o país com uma criança pois: *nový stát musí projít neštovicemi a spalničkami* (o país novo tem que passar por sarampo e algum tipo de varíola).^{xiv} Comenta também a imagem negativa que muitos jornalistas estrangeiros passam sobre o Brasil e a baixa qualidade de educação no Brasil.

Junto com o Boris Fausto vamos buscar explorar algumas dimensões da vida familiar do imigrante, lidando com três fatores essenciais da convivência doméstica dos grupos imigrantes: religião, língua e comida (Fausto, 1998, p. 37). A fé católica de Jindřich não foge da religião dominante. A fé dele é humilde e profunda. Depois da morte do seu pai escreveu: *Veliká hloubka spojitosti duší před moře dalek i času. Věřím v přítomnost Jeho zde u nás – jeho pohazení na tváři synka, po jeho smíchu cítíme jeho jsoucnost zde – protože milost boží je neskonatelně veliká. Mrtví žijí a jsem o tom přesvědčen – přes staletí dnů nám mluví pravdu nepochopitelných prostorů a vztahů.* (A profunda e grande ligação das almas através do mar de distância e de tempo. Acredito na presença Dele aqui conosco – carinho dele no rosto do meu filho, através da risada dele sentimos a presença do meu pai aqui – porque a misericórdia divina é enorme. Os mortos vivem e tenho certeza – durante os séculos de dias



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

falam para nós a verdade de espaços incompreensíveis e relações.)^{xv} No caso dele, a religião não marca fronteiras entre os nativos e ele, como nos casos dos imigrantes judeus, ou japoneses budistas, ou sírios e libaneses.

A língua representa na vida de Trachta um poderoso veículo de comunicação (Fausto, 1998, p. 51). A vida inteira se interessou pelas línguas, estudou-as na universidade, escapou do trabalho físico no campo de trabalho porque sabia falar vários idiomas mundiais, aprendeu português fluentemente durante três meses e logo no início de estadia no Brasil se tornou o tradutor dos tchecos. Solicita livros e dicionários para escrever uma gramática tcheco-portuguesa e também um dicionário.^{xvi} O que, no final, consegue concluir. A vida inteira se interessa pelas línguas, o gerente da serraria é japonês, para poder aprender o japonês com ele, pede-lhe o seu dicionário. E aqui nos temos uma questão bastante interessante. Consegue passar a língua nativa para os seus seis filhos? No início sente muito interesse em ensinar o seu filho maior, o tcheco. Planeja as férias dele com os tios na Tchecoslováquia conscientizando a necessidade de saber falar o idioma, se lá quiser estudar e se comunicar de maneira compreensível. Até a esposa dele estuda um pouco tcheco. Mas não consegue achar nem tempo, nem motivação para prosseguir com afinco (regime comunista continua no poder) e seu desejo devagarzinho evapora. Enfim depois de quarenta anos de comunismo vem a Revolução de Veludo e a cortina de ferro finalmente se abre. O que não deu certo com os filhos, consegue o seu neto, Evandro Trachta, que estuda na República Tcheca e se torna o segundo representante da comunidade tcheca que fala o tcheco fluentemente em Batayporã.^{xvii} A língua tcheca representa para ele uma poesia, lê os livros tchecos e gramática tcheca até dez vezes. Se interessa pelo vocabulário novo e moderno, sublinha nas cartas as palavras contemporâneas. Traduz a correspondência dos seus irmãos do tcheco para português. A língua nativa é sempre um meio que tem que cuidar.

Jindřich Trachta não se preocupava somente com idiomas mas com memória e esquecimento. Juntava o material cultural-histórico da colonização de Batayporã pensando em gravar as lembranças, gravar o que já tende a desaparecer.

Passo pelas ruas da cidade. Um que de tristeza passa, como a brisa do esquecimento – pelas lembranças mais recuadas no tempo... A casa dos amigos que já se foram... que tanto contribuíram para os primeiros passos da caminhada da nossa vila... cidade... município!

No meu coração, tinha uma porção de folhas de anotações, lembranças de histórias de gente simples... que vive, trabalha e sofre sem alarde – caminhando pela



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

vida simples – à qual, somada às vidas de outros, dá uma história do lugar onde vivemos.

Descuidei – abri a janela do coração, relembrando muitos. Uma lufada de vento esparramou algumas folhas, redemoinho de vida, levou algumas e jogou no meu jardim... outras, jogou longe demais... e se foram para sempre.

Através dos cristais das lágrimas de saudade que senti, comecei a procurar, juntar as folhas já amareladas, algumas rasgadas, algumas em pedacinhos. Aí, achei um pedacinho da história do meu amigo que tanto andou comigo pelas matas, pelas estradas que abriu. Meus Deus, ele não está mais aqui, para quem vou perguntar o resto da história que ele contou? Só ele poderia confirmar para outros acreditarem..., sem isso passo por inventor de história, até mentiroso!

Meu Deus, a memória da nossa vida, no começo – dos pioneiros – fica esquecida, sumida no tempo. Será que vamos ficar um lugar sem memória? Quem sabe, a partir de agora, não! Ainda sinto uma pontada no canto do coração, lembrando quando um dos meus alunos, hoje um homem e pai, me indagou: Professor, eu vivo aqui, nasci aqui, mas não conheço nada da verdadeira história do nosso lugar, história humana... só estatística. Falta a história do calor humano, a força da esperança que alimentou nossos pais e avós, quando chegaram para cá, para o famoso sertão do Rio Brilhante – sertão sem estradas, sem médico, sem comodidade, mas cheio de esperança, de fé em Deus, em suas próprias forças, para vencer, para transformar o sertão em lugar habitável e feliz.

Uma interminável fila de teimosos, loucos, perseverantes? Talvez tudo isso somado, mas unidos num ponto só: olhar para o dia de amanhã, para novo amanhecer, cada dia mais bonito.

Vá Cumpra sua missão de gravar as lembranças, gravar o que já tende a desaparecer. Junte mais algumas folhas, ditas ou escritas por alguns que logo vão partir... e querendo salvar mais algumas historinhas, vá logo, vá sem demora. Vá rápido, escreva, grave... antes que seja tarde demais... ^{xviii}

Sobre a memória individual exercem nas manipulações conscientes ou inconscientes o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento. Também a memória coletiva tem os seus senhores da memória e do esquecimento e dominaram e dominam as sociedades históricas. Não somente lembranças, mas também os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1992, p. 426). Por isso, é preciso não somente juntar as folhas, ditas ou escritas, mas também as páginas em branco ou palavras não ditas. Toda a memória é seletiva e segundo Maurice Halbwachs existe o um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais.

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (NORA, 1993, p. 3-4)



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

No momento em que o grupo desaparece, a única maneira de salvar „as folhas“ é fixá-las por inscrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem. Dessa maneira, a história é escrita e impessoal e, nela, grupos com suas construções desaparecem para ceder lugar a outros, pois a escrita não os registrou. A memória é história viva e vivida e permanece no tempo, renovando-se. A história viva é, portanto, o lugar da permanência e nela o desaparecimento das criações grupais é somente uma aparência. A memória, na perspectiva de Halbwachs, é a possibilidade de recolocação das situações escondidas que habitam na sociedade profunda, na sensibilidade de se opor ao efeito devastador e desintegrador da rapidez contemporânea (Halbwachs, 1990, p. 67-68). Vejamos o que Pierre Nora diz sobre esta expressão:

Aceleração: o que o fenômeno acaba de nos revelar bruscamente, é toda a distância entre a memória verdadeira, social, intocada, aquela cujas sociedades ditas primitivas, ou arcaicas, representaram o modelo e guardaram consigo o segredo - e a história que é o que nossas sociedades condenadas ao esquecimento fazem do passado, porque levadas pela mudança. Entre uma memória integrada, ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e do mito – e a nossa, que só é história, vestígio trilha. Distância que só se aprofundou à medida em que os homens foram reconhecido como seu um poder e mesmo um dever de mudança, sobretudo a partir dos tempos modernos. Distância que chega hoje, num ponto convulsivo.(NORA, 1993, p. 8)

As palavras memória e história evocam o mesmo tempo - o passado. Contudo, apesar da matéria-prima comum, é a compreensão oposta a mais difundida entre os especialistas, ou melhor, memória e história não se confundem.

Falta referir sobre o terceiro fator – culinária. No caso da comunidade tcheca em Batayporã que é pequena, hoje podemos contar com três famílias, não podemos falar sobre culinária étnica. A assimilação na gastronomia foi complexa mas isso não significa que os imigrantes não tiveram as suas vontades de comer comida típica. Jindřich Trachta escreve para os seus parentes sonhando com cerveja tcheca, aguardente de ameixa, carne de porco com chucrute, knedlík. Descreve a culinária brasileira como sendo o arroz tempo todo, tanto para almoço como jantar. Também se come menos o pão, pão preto se acha só nas cidades grandes e por encomenda. O que é barato é fruta local – laranjas, bananas, cocos, cacau, as nossas frutas, peras e maçãs, são caras. *Moje žena vaří výborně, ale česká kuchyně je lepší.* (A



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

minha mulher cozinha bem mas a comida tcheca é melhor).^{xix} E pede o livro de receitas pois a nossa culinária tcheca é uma das melhores no mundo. Manter hábitos alimentares seria mais fácil nas cidades grandes mas no interior foi praticamente impossível. A comida e outros produtos brasileiros servem também como os objetos que Jindřich Trachta troca com sua família na Tchechoslováquia pelos livros. Manda para lá café, cacau, lã e remédios.^{xx}

Como o imigrante, Jindřich Trachta, viu o seu destino, seu trabalho e seu papel no Brasil? Se sentiu orgulhoso de poder trabalhar junto com Jan Antonín Baťa ajudando fundar a nova cidade.^{xxi} „Eu sou o primeiro ser humano que anda pelos caminhos virgens, é um orgulho ser primeiro, é um trabalho duro e intransigente.“^{xxii} Ele dirigiu a construção das estradas, fabrica de tijolos, serraria, venda de terrenos até distantes. Está contente, a cidade não o atrai. Na cidade grande, ele não seria nada, aqui pode durante três, quatro anos, ajudar a construir a cidade, „cidade rica pois o solo é perfeito para plantações de café, e isso é garantia de evolução.“^{xxiii} Ele próprio comprou uns terrenos para plantar arroz, cacau e milho. Esses rendimentos quis usar para educação dos filhos na Europa e para poder pagar passagem para Tchechoslováquia visitando a sua família.

E o olhar recíproco da família tcheca? Como os irmãos vêem a vida dele no Brasil? Essa problemática é necessário incrementar com mais pesquisas pois conhecemos só a opinião de uma irmã: „O destino levou você nas regiões que achou tão familiares, para que cumprisse o seu destino (finalizar o que ficou devendo).“^{xxiv} Nem sempre a situação entre o imigrante e a parte da família que fica é tão harmoniosa. Os parentes que ficam têm o adesivo de regime comunista como „família do imigrante“, e podiam sofrer as perseguições. E nesse caso é preciso entrevistar os parentes na República Tcheca.

O trabalho sobre vida privada na relação epistolar de Jindřich Trachta abordou principalmente três fatores essenciais da vida de imigrante. A religião, a comida e a língua. No nosso caso, o fator importante na vida de Trachta foi a questão da língua e a memória. A respeito das celebrações religiosas e culinária não achamos muitas diferenças do país receptor.

A utilização de uma micro-história do imigrante Jindřich Trachta devia servir para o entendimento da presença e da cultura dos tchecoslovacos no Brasil e processo de formação cultural através das representações de novas identidades. Mas pode aparecer a pergunta, se não há uma supervalorização dos episódios do cotidiano, como se eles fossem a realidade efetiva, restando aos fenômenos de longa duração uma dimensão inferior do ponto



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

de vista ontológico. O problema, contudo, não é tão simples. C. Ginzburg e S. E. Kaplan já chamaram atenção para o fato de que nem sempre a visão estrutural útil para o historiadores do cotidiano:

Em nenhum caso a micro-história, pode limitar-se a verificar, na escala que lhe é própria, regras macro-históricas (ou antropológicas) elaboradas noutro campo. Uma das primeiras experiências do estudioso de micro-história diz realmente respeito a escassa e por vezes nula relevância das mutações de ritmo (e começar pelas cronológicas) elaboradas em escala macro-história. (Fico, 1992, p. 165-166)

Bibliografia

- ARRUDA, José Jobson; TENGARRINHA, José Manuel. *Historiografia luso-brasileira contemporânea*. Bauru: EDUSC, 1999.
- BATA, Jan Antonin. *Estudos sobre a migração*. Batatuba: [s.n.], 1951.
- BONFIM, Juliana S. *Colonização particular: a atuação da Companhia Viação São Paulo Mato Grosso (1940-1960)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.
- Dějiny zemí Koruny české II. *Od nástupu osvícenství po naši dobu*. Paseka, Praha, Litomyšl, 1995.
- FAUSTO, Boris. *Imigração: cortes e continuidades*. História da vida privada no Brasil, Fernando Novais (coord.) e Lilia Schwarcz (org.), vol. IV, p. 13-64.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1994.
- FICO, Carlos; POLITO, Ronald. *A História no Brasil (1980-1989)*. Elementos para uma avaliação historiográfica. Volume 1. UFOP, Ouro Preto, 1992.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Global, São Paulo, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Biblioteca Vértice. 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras, SP, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Edunicamp, 1992.
- LENHARO, Alcir. *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste – os anos 30*. 2. Ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1986.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

- PASSOS tchecos em terras brasileiras. Org. por Dolores L. Bata Arambasic e Evandro A. Trachta e Silva. Batayporã: Oficina Cultural Tcheca e Eslovaca do Brasil, 2003.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- QUEIROZ, Paulo R. Cimó. A navegação na bacia do Paraná e a integração do antigo sul de Mato Grosso ao mercado nacional. *História Econômica & História de Empresas*, São Paulo: Hucitec: ABPHE (Associação Brasileira dos Pesquisadores em História Econômica), v. 7, n. 1, p. 165-197, jan./jun. 2004. ISSN 1219-3314.
- TVRDÍKOVÁ, Michaela. Proměny československé emigrace v letech 1948-1989. Diplomová práce. Brno, 2007.
- ZILIANI, José C. Táticas e estratégias: a Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso (1908-1960). 2010. Tese (Doutorado em História) – UNESP/Assis.

Fontes /Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta/:

- FÉLIX, Eurico. Carta a Karel Trachta. 5. Jan. 1978. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- TRACHTA, Jindřich. Carta a Hedvika Tlamková. 1. Fev. 1945. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Hedvika Tlamková. 30. Jan. 1950. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Hedvika Tlamková. 14. Abr. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Hedvika Tlamková. 18. Mai. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Hedvika Tlamková. 29. Jul. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Hedvika Tlamková. 25. Jan. 1955. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Hedvika Tlamková. Sem data. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Karel Trachta. 12. Jan. 1966. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Karel Trachta. 18. Abr. 1976. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Karel Trachta. 20. Jun. 1976. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____. Carta a Karel Trachta. 26. Jul. 1976. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

- _____ . Carta a Karel Trachta. 5. Set. 1976. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Karel Trachta. 3. Out. 1976. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Karel Trachta. 30. Jul. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- TLAMKOVÁ, Hedvika. Carta a Jindřich Trachta. 11. Mai. 1976. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 6. Ago. 1985. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 21. Jun. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 24. Ago. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 5. Set. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 25. Set. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 28. Nov. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 6. Dez. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 8. Jan. 1990. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 28. Jan. 1990. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 16. Abr. 1990. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 1. Dez. 1995. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 25. Mar. 1996. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 9. Jun. 1996. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 9. Mar. 1997. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 29. Nov. 1998. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- ŠRÁMKOVÁ, Marie. Carta a Jindřich Trachta. 10. Dez. 1982. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 11. Ago. 1985. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 13. Jan. 1986. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 4. Mar. 1988. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 8. Jun. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 31. Jun. 1989. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 7. Fev. 1990. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 19. Dez. 1990. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.
- _____ . Carta a Jindřich Trachta. 7. Ago. 1992. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

ⁱ UFGD/FCH – Caixa Postal 533, 79.804-970 – Dourados – MS, E-mail: drzkovice@seznam.cz

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD).

ⁱⁱ Jindřich Trachta nasceu em 30 de agosto de 1921 em Žeravice na Tchecoslováquia. Estudou as línguas eslavas e língua tcheca na universidade em Brno. Em 1948, o partido comunista pressionou o jovem prefeito para colaboração, ele recusou e saiu do país. Passa por campo de refúgios na Alemanha onde trabalha como escrevente em tcheco, alemão, inglês e francês. Saindo de Itália em 1949 de navio chega para Rio de Janeiro. Em 1950, Jindřich Trachta foi apresentado a Jan Antonín Baťa e começou a trabalhar para ele, primeiro em Bataguçu, a partir de 1954 em Batayporã. Sob a gerência dele se constroem serraria, fábrica de tijolos, estradas etc. A esposa dele, Marina Trachta, foi nomeada a chefe do Cartório da Paz em Batayporã onde trabalha também o Jindřich. Nos anos 70, se tornou o prefeito da cidade. Depois trabalhou como professor de história, matemática e filosofia na Escola Estadual Jan Antonín Bata. Morreu em 2000 em Batayporã. Depois da morte dele foi aberto O Centro de Memória Jindrich Trachta que se encontra em casa original de Companhia de Viação e Cia São Paulo – Mato Grosso. A coleção contem os objetos, os documentos, as anotações pessoais e as fotografias da época da colonização. Rica é também a biblioteca e o arquivo de imprensa aberto ao público. www.cmjt.org. Acesso em 8 de agosto de 2013.

ⁱⁱⁱ Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta. Batayporã/MS.

^{iv} Entre 1887 e 1930 entraram no Brasil cerca de 3,8 milhões de estrangeiros. Depois de 1930, a crise mundial causou a diminuição do número de imigrantes no Brasil, menos japoneses. Maioria dos imigrantes veio para Centro-Sul, Sul e Leste. O grupo mais numeroso eram italianos, portugueses e espanhóis. FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Editora da USP. 1994, p. 275-281.

^v Companhia foi vendida pelos seus fundadores a empreendedores alemães, os quais por sua vez a transferiram, em 1939, ao tcheco Jan Antonín Baťa (originário da cidade Zlín, situada na atual República Tcheca). ZILIANI, José C. Táticas e estratégias: a Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso (1908-1960). 2010. Tese (Doutorado em História) – UNESP/Assis.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

^{vi} www.cmjt.org. Acesso em 8 de agosto de 2013.

^{vii} www.cmjt.org. Acesso em 8 de agosto de 2013.

^{viii} TRACHTA, Jindrich. Carta a Hedvika Tlamková. 29. Jul. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS. _____ . Carta a Hedvika Tlamková. 14. Abr. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^{ix} _____. Carta a Hedvika Tlamková. 25. Jan. 1955. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^x O seu desejo se realizou em 1997 quando o seu neto, Evandro Trachta, estudou a veterinária em Brno em Mendlova univerzita.

^{xi} www.cmjt.org. Acesso em 8 de agosto de 2013.

^{xii} Sérgio Buarque de Holanda diz que poucos indivíduos sabiam dedicar-se a vida inteira a um só mister sem se deixarem atrair por outro negócio aparentemente lucrativo. E completa que ainda mais raro seriam os casos quando o mesmo ofício perdurava na mesma família mais que uma geração. Como explica escassez de artífices livres na maior parte das vilas e cidades? Entre as nações ibéricas predomina a concepção antiga de quo o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valida que a contemplação e o amor. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Companhia das Letras, SP, 1997, p. 57-58.

^{xiii} TRACHTA, Jindrich. Carta a Hedvika Tlamková. 14. Abr. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^{xiv} _____. Carta a Hedvika Tlamková. Sem data. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^{xv} TRACHTA, Jindrich. Carta a Hedvika Tlamková. 29. Jul. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^{xvi} Os livros desejados são as gramáticas e dicionários eslavos, romanos, germanos. Livros de matemática, física, cerâmica. Evangelho. Livros etnográficos, enciclopedias. História da literatura tcheca, teoria da literatura, poética, contos de fada tchecos. Em fim, Jindrich Trachta juntou três mil livros de várias disciplinas em várias línguas. Os livros estão a disposição no Centro de Memória Jindrich Trachta em Batayporã. TRACHTA, Jindrich. Carta a Hedvika Tlamková. 14. Abr. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^{xvii} Dolores Ljiljana Bata Arambasic, *10.6.1948, a neta de Jan Antonín Baťa, fala fluentemente tcheco também.

^{xviii} www.cmjt.org. Acesso em 8 de agosto de 2013.

^{xix} TRACHTA, Jindrich. Carta a Hedvika Tlamková. 30. Jan. 1950. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^{xx} _____. Carta a Hedvika Tlamková. 14. Abr. 1953. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.



EDIÇÃO Nº 06 MAIO DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 02/02/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 15/04/2014

^{xxi} No seu caso se juntam nele o aventureiro que gosta de explorar e vive dos horizontes distantes com o trabalhador, persistente e que enxerga primeiro, planeja com esforço lento. Se sente privilegiado de conquistar os novos horizontes e ao mesmo tempo conta com os rendimentos de plantações de produtos agrícolas. Ambos tipos participam, nenhum existe em estado puro. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Companhia das Letras, SP, 1997, p. 44-46.

^{xxii} TRACHTA, Jindrich. Carta a Hedvika Tlamková. 25. Jan. 1955. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^{xxiii} _____. Carta a Hedvika Tlamková. 25. Jan. 1955. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.

^{xxiv} ŠRÁMKOVÁ, Marie. Carta a Jindřich Trachta. 10. Dez. 1982. Acervo do Centro de Memória Jindrich Trachta, Batayporã/MS.